SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ★ ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ★ REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO — TEL. 23886 — AVEIRO

CONSIDERAÇÕES DO INSPECTOR GOMES DOS SANTOS

O SUICÍDIO e os Tempos Modernos

Esta trágica palavra suicídio já não é nova. Representa um desesperado acto, tão velho como o complexo de sentimentos de frustração, desalento e desesperança, que a inspiraram e corporizaram.

Adivinho que a prática deste doloroso acto venha do tempo de adiantadas civilizações e não dos primórdios do homem na Terra, pela simples intuição e pela reconstituição histórica, que nos levam a ver o homem das cavernas todo entregue à luta contra as intempéries e contra as feras, na defesa bàsicamente instintiva de si mesmo, não pensando por isso sequer em atentar contra a sua própria vida.

O Mandamento «não matarás» está todo carregado da significação de que não se deve matar o próximo.

Todavia, em seu lato sentido, abrange naturalmente o suicídio da pessoa humana.

★

Os raros que ainda estudam as raízes da nossa Lin-

Continua na página 3

A Situação Social e Religiosa de Aveiro antes da Restauração da Diocese

PELO PROF. DOUTOR FERNANDO MAGANO

Registamos nestas páginas, como documento a todos os títulos notável, o discurso proferido, pelo nosso ilustre colaborador Prof. Doutor Fernando Magano, na brilhante sessão de segunda-feira última, comemorativa das «bodas de prata» da restaurada Diocese aveirense

PARECEU bem, a quem compete orientar, que a um leigo oriundo de cá — uma tal ou qual espécie de exilado, assim como navio surto em porto que não é o da sua capitania de matrícula — se cometesse o encargo de dizer do júbilo comum nesta festa de anos da diocese restaurada.

Inquietei-me no convite. Dei conta da insuficiência e, sobretudo, perturbei me na responsabilidade.

Quando cada qual se olha a si próprio sem atavios, como encontrar um mínimo de amparo que o proponha para ser ouvido sem grande fastio?

De facto a locução delegada, para o ser com honra, isto é, com conteúdo e efeito, pressupõe no dizente um exemplo capaz, ou experiência segura ou fina inerência.

Contudo, sem olhar a humilhações, se um risco de Fé atravessa a alma, esse só basta para amparar a indigência.

Por seu turno, é um singular timbre deste nosso tempo Eclesial, e é um responsável apelo, o aceno Cristocêntrico que que se recorda e recomete aos leigos, a cada qual segundo seus méritos e no relativo âmbito da sua pessoal vivência.

E então, sem assomos de específica dignidade, antes no centro da sua própria pequenez, por alegre obediência, sai um da fileira quando é nomeado.

Propter quod locutus sum.

Na hora do convite andava eu como que suspenso de uma funda impressão ao redor de certa interrogativa proferida havia pouco na Palestina.

Não consegui olhar-me e deixei inserir a minha fórmula de regosijo naquele estado de espírito. Porventura, em consequência, me haja distraído um pouco do tema proposto, do que peço desculpa.

E eis do que venho dizer.

*

Desta segunda vez que o «Apóstolo das Chaves», experimentando, simples e transparente, perigrinou pelas terras baptismais do rio Jordão, desta segunda vez, entre outras expressões sempre ricas de conteúdo, formulou uma pergunta. Pergunta serena, mas pungente.

Foi na celebração da Epifania, junto ao altar latino dos Reis Magos, em Belém, na Basílica da Natividade.

Por coincidência — sabe-se lá! — estas mesmas particularidades, — quero dizer: Epifania, Reis Magos, Altar, Belém, Natividade, — são pequeninas contas de um mesmo mistério, ali sempre proposto. O mistério da translúcida simplicidade, da infância espiritual, que é o contrário da infantilidade suficiente.

O Papa, na sua alocução, volve-se em primeiro pensamento para o Criador em acto de fé e esperança; olha em seguida para a Igreja na sua inabalável firmeza e comprovada lealdade mercê da perenidade do Espírito que lhe assiste e nela circula; depois dirige-se a

Continua na última página

16 DE MAIO Uma data gloriosa

NA «História do Cerco do Porto», Soriano anota que Aveiro foi a cidade onde se ergueu o primeiro grito de guerra contra as pretensões de D. Miguel, levantado no dia 16 de Maio pelo Batalhão de Caçadores 10 e por vários cidadãos com ele associados. *Com efeito, completam-se hoje rigorosamente cento e trinta e seis anos sobre a data em que na casa do Corregedor Francisco António de Abreu e Lima, pela madrugada, se realizou uma reunião solene, durante a qual se estudaram os adequados planos e se tomaram as últimas resoluções. Pouco depois, o Comandante do Batalhão de Caçadores 10, Coronel José Júlio de Carvalho, ordenou o toque a oficiais; e, cerca das 7 horas, as tropas, em garbosa formatura, estavam prontas para todas as ordens.*

Na velha Praça do Comércio, o Desembargador Joaquim José de Queirós soltou o primeiro brado, animoso, mas comovido; e pelas ruas de Aveiro logo ecoaram vivas entusiásticos a El-Rei D. Pedro IV, a Sua Magestade a Rainha D. Maria II e à Carta Constitucional.

Logo após, os aveirenses enchiam por completo a Câmara Municipal; e a multidão estendia-se ainda pelo largo fronteiro. Ao tempo em que era deposta a Vereação, proclamava-se gloriosamente a soberania da Rainha.

A História haveria de registar mais tarde o preço, em sangue generoso, que custou o triunfo da causa liberal.

E esse triunfo não foi mais do que o reboar por todo o País de um grito heróico soltado em Aveiro.

POR QUE NÃO AVEIRO?

UMA CARTA DE CAROLINA HOMEM CHRISTO

Meu caro David:

Não contava voltar à carga e, portanto, a importuná-lo mais com este assunto, embora o julgue merecedor de toda a atenção de quem melhor do que eu saiba tratá-lo, mas o facto de ter visto no seu último *Litoral* um excelente artigo do Sr. Daniel Constant, transcrito de *O Primeiro de Janeiro*, cujos pontos de vista coincidem com os meus, e o de ter recebido algumas cartas a que gostaria de dar uma satisfação obrigam-me a abusar da sua hospitalidade jornalística solicitando-lhe mais um bocadinho de espaço no seu próximo número.

Várias pessoas e entidades de aí se me dirigiram incitando-me a não largar o caso, a batalhar por ele, convencidos de que alguma das minhas sugestões possa ser aproveitável, e apontando-me, como estímulo, o exemplo de meu Pai.

Começo por agradecer-lhes o carinho manifestado. Porém, esqueceram-se esses amigos e amáveis simpatizantes da distância que medeia entre o talento dele e o conhecimento que tinha dos assuntos que tratava e a minha pobre mediocridade e ignorância!

Se eu fosse Ele, sim. Se eu soubesse defender essa causa de Aveiro (pois estou convencida que é um verdadeiro problema de toda essa região) como ele defendeu a outra, do seu porto de mar, então, a despeitos da minha incredulidade que as minhas palavras possam gerar, não hesitava e estou crente que ganharíamos esta batalha turística como se ganhou a que fez de Aveiro o que hoje é. E não me resta qualquer dúvida de que se Homem Christo existisse seria o primeiro a nela tomar parte com aquele fogo e amor que punha em tudo que tocasse a sua terra natal, pois não deixaria de considerá-la a chave da 2.ª grande fase do renascimento de Aveiro e o ponto de partida para um incalculável passo em frente no desenvolvimento do turismo nacional. Disso estou absolutamente certa.

Tantas vezes conversrsá-

Continua na página 3

AS FESTAS DA DIOCESE E DE SANTA JOANA

Cumpriu-se integralmente o aqui anunciado programa das «bodas de prata» da restauração da Diocese e das festas de Santa Joana Princesa, realizadas, com muito brilhantismo, na noite de 11 e durante o dia imediato, data do feriado municipal.

Na segunda-feira, no Teatro Aveirense, efectuou-se uma luzida sessão solene, presidida pelo sr. D. Manuel de Almeida Trindade, Bispo da Diocese, ladeado, à direita, pelos srs.: Dr. Manuel Louzada, Governador Civil do Distrito; Dr. Aulácio de Almeida, Presidente da Junta Distrital; Coronel A'lvaro Salgado, Comandante Militar de Aveiro; Prof. Doutor Fernando Magano; e Mons. Aníbal Ramos, Reitor do Seminário; e, à esquerda, pelos srs.: D. Frei Francisco Rendeiro, Bispo do Algarve; Eng.º Henrique de Mascarenhas, Presidente da Câmara Municipal; Comandante Agostinho Simões Lopes, Capitão do Porto de Aveiro; Pedro Grangeon Ribeiro Lopes, Presidente da Junta Diocesana da Acção Católica; e Mons. Júlio Tavares Rebimbas, Vigário Geral da Diocese.

Usaram da palavra; a abrir a sessão, Mons. Júlio Tavares Rebimbas; o Prof. Doutor Fernando Magano, cujo discurso, intitulado «A Situação Social e Religiosa de Aveiro antes da Restauração da Diocese», hoje publicamos na íntegra; o sr. Bispo do Algarve, que falou, com muito brilho e emoção, sobre «Os Bispos da Diocese Restaurada»; e o sr. Bispo de Aveiro, a encerrar a série de discursos, com ajustados comentários aos oradores precedentes e ao significado da celebração dos vinte e cinco anos da restaurada Diocese de Aveiro.

Continua na última página

Santa Joana. Tela existente na Sé Catedral

Aveiro, 16 de Maio de 1964 ★ Ano X ★ Número 497

COORDENAÇÃO DO «INSPECTOR MONTARGIS»

Pelo INSPECTOR SALDANHA

O POLICIÁRIO PRECISA DE VÓS

Quando iniciámos a nossa actividade como policiarista, concorrendo ao *Torneio Preparatório* que o Inspector Varatojo realizou no extinto «Diário Ilustrado», existiam alguns concorrentes e produtores cujas actividades recordamos.

Na primeira modalidade, nomes e pseudónimos como Carlos Sável, *Mr. Jeckil* e *Jofer;* e na segunda *Elima, Inspector Jotabanda, Juve,* Júlio Dinis Faria dos Santos (que interessante problema nos apresentou no *Torneio Scotland Yard*) foram concorrentes salientes que estão agora quase totalmente afastados das lides policiárias ou nós não temos encontrado os seus nomes e pseudónimos nas diversas rubricas que consultamos.

Claro que há mais ausentes, e entre eles o valoroso *Sete de Espadas*, produtor que apreciamos. Artur Reis, de que recordamos, entre outros, o enigma apresentado no *Torneio Triénio*, realizado por *Mr. Jartur* na «Flama», com a particularidade rara — cremos que talvez mesmo inédita — de nos havermos concentrado de tal forma na sua decifração, colocando-nos no lugar do autor para resolver os quesitos postos, que acabámos por ignorar uma *gralha* fundamental para a respectiva solução, inserida por erro de composição, indicando o desfecho original do autor. Dias depois, para remediar a *gralha*, Artur Reis foi forçado a modificar a solução original e, como não podia deixar de ser, perdemos três pontos na pauta classificativa, o que nos valeu o segundo lugar no certame, que *Juve* venceu com inteira justiça. Evidentemente, *Mr. Jartur*, que não podíamos protestar. O Amigo julgou da melhor maneira, porque, por força da *gralha*, a solução se modificou totalmente; e desde aí passámos a desconfiar um pouco da eficiência dos nossos processos dedutivos. Nada nos mandava por na pele do autor do problema, quando apenas tínhamos de decifrar...

Alferes Gonçalves, de quem não temos lido nada, ùltimamente, é outro grande ausente. Quando do nosso encontro, lembramo-nos de que preparava um interessante conto-enigma cujo entrecho tivemos ocasião de ouvir e apreciar mas não o gosto de vermos publicado. Tê-lo-ía acabado?

Quanto a Barata Dinis, o popular *Big-Ben*, em quem notávamos tantas qualidades de produtor, jamais chegou a aparecer como ele seria capaz de fazer, se quisesse...

Os nossos amigos *Zé Maria* e *Lemmy Caution*, esses, então, embatucaram de vez, segundo julgamos. Terá o Policiário perdido a sua colaboração?

Outros, muitos outros nomes, perpassam pela nossa mente: o malogrado *Mr. Pilot*, que Deus chamou à sua presença e cuja perda todos sentimos ainda bem viva em nossos corações; Artur José da Silva *(Sherlock Amador)* que um dia nos confessou a sua insatisfação — como o compreendemos! — perante tudo o que escrevera e escreve; Zarcos Flores, e novamente *Sete de Espadas*, que vimos comover-se perante a saída da efémera rubrica *Sábado Policial*.

Será que o Policiário terá perdido a colaboração de todos estes cultores, entre os quais se destacam nomes de comprovado valor? Oxalá que não e alguns, na impossibilidade de todos o poderem fazer, resolvam continuar a luta — inglória talvez, mas salutar e dignificante — em defesa e divulgação do Policiário Português.

Cá os esperamos!

Clube das Sugestões

Com o aparecimento de mais um número desta página, fazemos apresentação do *CLUBE DAS SUGESTÕES*, que a partir de hoje consideramos fundado, e cuja divisa é: *Pelo Policiário, ao serviço da Justiça e da Verdade.*

Qual a cotização? Absolutamente grátis, meus bons amigos. Para se ser *sócio* não se torna necessário *cortar os cordões à bolsa*, mas sòmente pôr as «cinzentas» a trabalhar.

Ao apresentar a *primeira sugestão* — cuja validade por nós será estudada — o leitor fica proposto sócio; mas só sendo considerado como tal ao apresentar a *segunda.*

Quanto à categoria de associados, existirão duas — *Contribuinte* e de *Mérito.*

Ao primeiro grupo pertencerão todos os admitidos que possuam menos de 50 sugestões apresentadas. Ao segundo, e como já devem ter depreendido, os que conseguirem alcançar — e ultrapassar — tal número.

Mensalmente será apresentada a respectiva *ORDEM DE SERVIÇO* e o respectivo parecer sobre os trabalhos (sugestões) apresentados.

Está feita a apresentação do Clube. Agora... tendes vós a palavra, prezados leitores.

Correspondência para:

«Inspector Montargis»
Rua do 28 de Maio, 18 — MONTARGIL

ANTOLOGIA por **Fernando Saldanha**

IDA SEM VOLTA

Artur Dias era um homem de quarenta anos, baixote, quase calvo, com um bigodinho pretensioso.

Quando comprou bilhete de ida e volta para o Porto nunca pensou que aquela poderia ser a sua última viagem.

Negociante atarefado, habituara-se a viver a correr. Naturalmente acharia graça ou surpreender-se-ia se alguém pretendesse fazer-lhe notar que, por muito duro que se seja, a resistência física tem limites que não devem ser ultrapassados, sob pena de a vida nada mais ser do que um longo caminho de entusiasmos desmedidos, números, voragem — velocidade.

Aí estava o homem em plena corrida.

Debruçado na janela do *rápido*, observava a vertiginosa passagem das árvores e dos campos retalhados pelas culturas. Um só desejo o atormentava: que a máquina rodasse mais depressa — sempre mais depressa.

Ao fim teria de concordar que mais valera não encetar viagem. Nesse momento irreparável, quando o sonho da vida e tudo o mais perdesse a importância que teimamos atribuir-lhe, é provável — quase certo — que desejaria voltar atrás, calmamente, desfrutar a paz que se estende sobre as águas tranquilas do Tejo: contemplar o entardecer suave dos dias de Julho; tomar o seu café, sem pressas; apreciar o sossego que se desprende das vidas simples — deixar de correr, enfim!

A morte tinha marcado encontro com o homenzinho apressado.

Por arreganho do Destino, ele, que na pressa do regresso comprara bilhete de ida e volta, só utilizaria a primeira passagem.

— Eh, homem! Pare lá com isso! Você vai morrer antes da viagem terminar.

— E' doido. Posso lá perder o dinheiro da passagem de volta!

— Aviso-o...

— Deixe-me em paz!

Parecera-lhe ouvir uma voz estranha. Logo, porém, lhe respondera sacudidamente e continuara à janela sequioso de que a máquina continuasse a devorar quilómetros e mais quilómetros.

Aquele desejo de acção era como um rio subterrâneo correndo caudalosamente no seu subconsciente; dimensão que escapava ao comando do cérebro — águas em que vogamos horas de apegada esperança mesmo quando se desmorona a cidade que erguemos; força motriz que impulsiona o herói e o mártir; o rico e o pobre de espírito; que cria as obras-primas ou medíocres; que ajuda a transformar o desespero em alegria; a sombra em claridade — o desespero em Fé.

De súbito, sob o fundo negro de uma tabuleta especada à entrada de uma quinta, quatro grandes letras brancas destacaram-se, perpassaram-lhe velozmente na retina e breve se perderam nas distâncias percorridas: «AVISO!».

Mexeu-se, retirou nervosamente os braços da janela e acendeu um cigarro.

«Ilusão!» — pensou.

De novo à janela, impacientou-se porque o combóio diminuiu a marcha, detendo-se numa estação.

— Caramba! Tantas paragens!

— Não tenha pressa. Já lhe disse que esta viagem não tem regresso.

— Vá para o diabo!

Continua na página 6

Biografia de Cecil Day Lewis

NICHOLAS BLAKE

«Cecil Day Lewys nasceu na Irlanda, em 1904.

Pelo lado da mãe, é ainda parente de Oliver Goldsmith; e de W. B. Yeats pelo lado do pai.

Aos seis anos começou a escrever poesia a sério; e em Oxford fez parte do grupo de W. H. Auden e Stephen Spender. Hoje é um dos poetas mais importantes da Língua Inglesa, não só pela sua obra poética, que é muito pessoal, como pelo interesse dos seus escritos divulgando o difícil assunto da emoção poética. The Poetic Image, *investigação sobre a natureza da Poesia, destinada ao leitor comum, trata especialmente da faculdade da criação das imagens, e foi uma série de conferências realizadas em 1946.* Poetry for You *explica às crianças, na linguagem mais simples, o que é a Poesia. Day Lewys casou-se em 1928 e tem dois filhos. É membro da Sociedade Real de Literatura.*

E' um espírito muito activo, interessado por todos os problemas do nosso tempo — o oposto aos poetas individualistas da torre de marfim. Trabalhou com o Ministério da Informação durante a Segunda Grande Guerra, tem feito palestras radiofónicas, e é um dos fundadores da Apllo Society, que projecta e realiza programas de Poesia e Música.

Escreveu uma série de poemas inspirados pelas suas àctividades durante a gnerra. Fez uma magnífica tradução das E'clogas, de Virgílio. Em 1935 abandonara a revista Oxford Poetry, *por ele criada em 1927, e fizera-se professor, confirmando a verdade de que a Poesia não ganha a vida a ninguém. Foi também pela necessidade material que ele escreveu o seu primeiro livro policial:* Uma Questão de Prova *(1935) que foi publicado com o pseudónimo de Nicholas Blake como uma descoberta do* Crime Clube *e levantou um entusiasmo imediato, recebendo elogios de Dorothy Sayers, de Hugh Walpole e de toda a crítica.*

A história passava-se num colégio de rapazes; o investigador, Nigel Strangeways, é um detective amador de Oxford. O êxito inesperado de Nicholas Blacke permitiu a Day Lewys dedicar todo o seu tempo à Literatura. Passou a crítico de ficção no Daily Telegraph *e de romances policiais no* Spectator. *E continuou a escrever romances de Nigel Strangeways.*

O segundo, Thou Shell of Death *(1936) tem também a distinção literária e consistência humana pouco vulgares que caracterizam os outros; mas é com* The Beast Must Die *(1938) que Blake realiza uma das melhoras obras da literatura policial. E' a história de um homem — um viúvo — que vê o filho, um garotinho, ser atropelado por um carro que se põe em fuga. O moto-*

Continua na página 6

«Se todas as pessoas resolvessem diàriamente um conto-enigma, a sua mentalidade evoluiria até ao incrível, porque mais do que a solução, o decifrador é obrigado a recorrer a muitos pormenores para a encontrar».

Palavras de um psicólogo norte-americano

POR QUE NÃO AVEIRO?

Continuação da primeira página

mos sobre essas coisas e examinámos as suas possíveis futuras perspectivas!

... O aproveitamento dos terrenos do Forte da Barra resultantes das terraplanagens ali feitas com as lamas das dragagens da ria naquela zona para ali edificar uma praia abrigada do norte, de características diferentes das outras da vizinhança; a Ilha de Sama transformada em paraíso turístico; o embarque directo de turistas chegados a Aveiro por caminho de ferro (isto passava-se há 30 anos) em lanchas que os receberiam no Canal de S. Roque e os levariam ria abaixo, numa recepção totalmente inédita demandando essas praias de maravilha; e tanta coisa mais...

Simplesmente, esse notável de Aveiro desapareceu, e a minha fraquíssima pena e diminuto entendimento, a despeito do amável entusiasmo dos meus «fans», não estariam nunca à altura de sustentar a campanha de Imprensa que, parece-me, será preciso levar a cabo para apoiar e ajudar a erguer essa grande realização turística de que Aveiro será o centro — ou um dos centros — pois vejo-a em grande, abrangendo o triângulo inter-distrital de Aveiro, Coimbra e Viseu.

Esses três grandes distritos, creio, deveriam coligar-se turìsticamente, estudar os seus problemas em conjunto (tão ìntimamente se tocam), traçar as linhas gerais de um programa segundo os respectivos casos e necessidades, defendê-lo com o apoio da sua Imprensa local e obter o da Imprensa diária, o que não é difícil para uma obra dessa envergadura, e impô-lo ao julgamento das entidades competentes.

Não há turismo isolado, ou pelo menos por enquanto penso que o não poderá haver entre nós. É certo, pelo que ouço, que os organismos responsáveis não estabeleceram ainda um planeamento para a zona de Aveiro e que o Conselho Superior de Turismo não lhe prestou ainda, ao que parece, a atenção necessária e merecida. Mas a iniciativa privada o que fez? Pensões? Um hotel há 25 anos? Que conta isso? Não é com tal equipamento, mais que insuficiente, sem um único restaurante típico, sequer, como acentuava o Sr. Daniel Constant no seu artigo, em Aveiro, na Barra ou na Costa Nova, uns programas de Verão, ao menos, para matar o tempo, nem um Parque de Turismo, que se pode pretender atrair ou reclamar a atenção dos que têm a seu cargo a planificação geral do nosso turismo tão atrazado em toda a parte. Desculpem, mas não estou de acordo. Não se pode esperar tudo dos organismos oficiais. Acredito que estes, neste capítulo, não estejam bem orientados ou não correspondam às necessidades do momento. Mas a iniciativa particular tem também as suas culpas. Lembrem-se os aveirenses, por exemplo, do que se passou com as obras do porto de mar: levaram anos a arrastar-se, sem qualquer solução; e só quando houve um estudo sério, profundo, bem estruturado e bem apresentado às autoridades competentes, e defendido na Imprensa enèrgicamente, fazendo calar detractores e impondo a sua justificação, necessidade e viabilidade, foi possível fazê-lo ir avante e triunfar das pretenções de outras localidades que se julgavam com os mesmos direitos.

Se queremos conseguir os nossos fins, temos de ser eficientes e realistas. Sabemos que os dirigentes do turismo oficial estão voltados para a resolução de casos que se lhes afiguram mais fáceis e de zonas mais mexidas e organizadas que Aveiro (o que não quer dizer que não possa estar errado). Bem ou mal, é assim. Sabemos, também, que não há nenhuma probabilidade de que este estado de coisas se modifique pròximamente e que, se forçarmos muito a nota, corremos o risco de nos vermos amarrados a algum mau planeamento *provisório* para nos tapar a boca, que é pior que nada. Para que nos iludimos em vez de encarar o problema de frente?

Aveiro está atravessando um período de eufórico renascimento com a execução do Plano Director da Cidade em que podiam ser previstos muitos aspectos futuros, se se estudasse, desde já, um plano turístico de conjunto. Estamos, psicológica e pràticamente, na hora H de Aveiro e nenhuma região tem tantas razões como a nossa para aproveitar a oportunidade espantosa que neste momento se lhe depara: à frente dos seus destinos estão homens decididos, naturais do distrito e dispostos a trabalhar como já demonstraram; há um surto de novas energias, de uma geração em marcha no campo da actividade privada que não pode desperdiçar-se; e há um pensamento turístico nacional a impulsionar todo o País, a chamada corrente de ideias que favorece a acção.

Por que não se forma em Aveiro com gente da cidade e de outros concelhos (os turìsticamente mais aptos) uma Comissão de Estudo extra-oficial que estabeleça a linha condutora de um ante-plano turístico em que sejam averiguadas as possibilidades imediatas que o distrito nos oferece e os possíveis interesses comuns (e muitos há) com os de Coimbra e Viseu, paredes meias com o nosso e com tanta vantagem, especialmente este último, de comunicações directas difíceis, em que se lhe abram portas de turismo para um litoral rico e acessível?

Difícil? Complicado? Mas tudo quanto se ligue a turismo, no nosso País, tem de ser difícil e complicado.

E um estudo serve, exactamente, para vêr o que é realizável, o que será necessário, o que pode e deve fazer-se, o que é mais urgente e o menos prejudicado com alguma espera. Estudar no conjunto e fazer de harmonia com os resultados apurados. E, se reconhecemos que é difícil e complicado, por que esperamos que as estâncias oficiais façam tudo?

Aqui, a dois passos de Lisboa por assim dizer, na península de Troia, em frente a Setúbal, está a erguer-se uma obra gigantesca de iniciativa totalmente privada — empresas brasileiras — partindo do nada, e para a qual o Estado contribui, apenas, com a sua aprovação, e os serviços públicos só com energia electrica. Tudo o mais — plano do urbanização, construção de estradas, captação de água, arruamentos, esgotos, projectos, construções, etc., é de exclusiva conta das Empresas interessadas.

Se outros não desanimam perante dificuldades tão grandes, não serão os aveirenses, já com tanta coisa feita, certamente, a desistir de as completar.

É preciso que todos os valores se juntem: competência, persistência, actividade, bairrismo e boa vontade. É uma obra em que todos têm lugar e de que depende o bem comum. As terras, como as pessoas, têm a sua hora. A hora de Aveiro soou. Quem toca a reunir?

Têm a palavra os aveirenses.

A mim, resta-me apenas, prezado David, agradecer-lhe e ao *Litoral* o bom acolhimento que me tem dado e, como filha adoptiva de Aveiro, fazer votos para que seja encontrado o melhor caminho para o engrandecimento do nosso distrito e da zona maravilhosa que pode servir turìsticamente.

Um abraço da prima afeiçoada e grata

Carolina

O Suicídio e os Tempos Modernos

Continuação da primeira página

gua, sabem que os nossos civilizadores romanos tinham o verbo cædo (cédó)... cædere, que significava cortar, gravar, matar, imolar, etc.

Anteponde-lhe o pronome pessoal sui (de si), construíam o verbo pronominal sui cædere, vindo os dois elementos a juntar-se mais tarde nalgumas línguas novi-latinas, o que deu entre nós a palavra suicidar.

Perdida, todavia, com o rodar do tempo, a consciência dessa junção, o povo começou a pospor-lhe o pronome reflexo se e a dizer, «dobradamente», suicidar-se.

★

Deste cædo (cortar) tiro eu já a conclusão fácil de que os mais vulgares atentados destes, eram perpetrados com lâminas cortantes, não obstante lembrarmo-nos de exemplos célebres como o de Sócrates, obrigado a envenenar-se com cicuta, ou como o de Cleópatra, que se fez morder nos pulsos por áspides ou víboras venenosas.

★

Nos tempos modernos, alguns raros exemplos de suicidas célebres, como Camilo e Antero, empregam já a arma de fogo.

Na lúgubre Casa de S. Miguel de Seide, que várias vezes visitámos, quando director do distrito escolar de Bragal, á vimos ainda o antigo revólver com que o genial prosador pôs termo à sua torturada existência.

No complexo das suas desventuras, que o seu natural psiquismo exacerbava, lá sobressaía a cegueira, que nem sequer o deixava trabalhar para viver.

Mal um notável médico aveirense (cujo nome não me ocorre neste correr da pena) lhe disse honestamente, depois de muito assediado, que o escritor não recuperaria a vista, eis que ele afaga a arma, para a disparar quando o clínico parece que ainda descia as escadas da casa...

★

Mas o suicídio alastra hoje pavorosamente, escolhendo não já os grandes pensadores, torturados pela angústia da dúvida ou pelo desespero, mas as pobres camadas populares rurais, não famintas, que outrora eram crentes, conformadas com a sua sorte, ou esperançadas...

Neste meu concelho de Águeda, em que a repentina industrialização está aumentando o nível de vida do operário fabril (não sei se em prejuízo do mundo agrícola), o surto de suicídios por enforcamento aumentou, endémica e assustadoramente!...

E são na maior parte os pobres camponeses, de boa e pacífica índole, que se matam

Qual o psicólogo, qual o sociólogo capaz de diagnosticar a origem do mal, deste angustiante mal?!...

★

O fenómeno está a dar-se. Alguns motivos haverá, que convém caritativamente estudar e precaver.

Miséria, doenças, desgraça, inquietações e desespero, houve-os sempre, e havê-los-á até à consumação dos séculos, dada a fragilidade da natureza humana.

Mas há que atentar nas razões pelas quais, a par de uma nunca vista ânsia ou sofreguidão de progresso, prazer e luxo, estas pobres almas, batidas de todos os ventos da neurose do século, põem termo à existência no auge duma desesperança sem nome.

Que há tendências inatas, há. Mas pudéssemos nós todos, os que sofremos com a dor alheia, perscrutar e penetrar na noite caliginosa destas pobres almas, e fazer raiar nelas a fulguração do sol da Alegria e da Esperança, — as maiores de todas as riquezas que Deus concedeu ao homem, na Terra...

Casa dos Rodelos, 3 de Maio de 1964

Gomes dos Santos

(Inspector orientador do ensino primário)

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado. . .	SAUDE
Domingo . . .	OUDINOT
2.ª feira . . .	NETO
3.ª feira . . .	MOURA
4.ª feira . . .	CENTRAL
5.ª feira . . .	MODERNA
6.ª feira . . .	A L A

VIII FESTIVAL GULBENKIAN DE MÚSICA

No Teatro Aveirense, realiza-se, no próximo dia 4 de Junho, como aqui anunciámos, um concerto do VIII Festival Gulbenkian de Música, em que colabora o jovem mas já famoso pianista francês Gabriel Tacchino, que se apresenta pela primeira vez no nosso País. Este talentoso artista, que é detentor de vários Primeiros Prémios em grandes Concursos Internacionais, interpretará o 3.º Concerto de Beethoven e o 3.º Concerto de Prokofieff, que certamente entusiasmarão o público de Aveiro, tal como tem acontecido no estrangeiro.

Colabora no concerto, que está a despertar bastante interesse, a Orquestra Sinfónica do Porto, dirigida pelo grande maestro português Silva Pereira — nome já bem conhecido do nosso público e que dispensa, portanto, apresentações.

Todas as informações e bilhetes podem ser pedidos para o Conservatório Regional de Aveiro.

«Semana do Ultramar»

★ **A Conferência do Prof. Doutor Adriano Moreira**

Como aqui se anunciou, o antigo Ministro do Ultramar sr. Prof. Doutor Adriano Moreira, ilustre Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa, proferiu no sábado, nesta cidade, uma notável conferência sobre o tema «Congregação Geral das Comunidades Portuguesas» — de que daremos mais circunstanciada notícia em número próximo.

Novo Vice-Presidente da Câmara de Oliveira do Bairro

No salão nobre do Governo Civil de Aveiro, realizou-se a cerimónia de posse do novo Vice-presidente da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro, sr. Dr José Marcelino de Sousa Mora, Director do colégio daquela vila.

O acto foi bastante concorrido. Após a leitura do auto de posse, pelo sr. Elias Gamelas de Oliveira Pinto, foi o mesmo assinado. A seguir, usaram da palavra o Chefe do Distrito, sr. Dr. Manuel Louzada, e o empossado.

Pela Mocidade Portuguesa

★ **Fase Nacional do XIV Concurso do Trabalho**

Publicamos abaixo os resultados obtidos pelos representantes do Distrito de Aveiro naquela prova, efectuada em Lisboa de 16 a 20 de Março último;

Escola Industrial e Comercial de Aveiro — Instalador Electricista-B — 3.º, Carlos Jorge Póvoas Simões.

Escola Industrial e Comercial de Espinho — Serralheiro Ajustador-B — 1.º, Eduardo Ferreira de Sousa.

Empresa de Pesca de Aveiro, L.da — Torneiro Mecânico-B — 1.º, Jorge Alberto Vieira Fernandes Grego (Seleccionado para o Concurso Internacional). *Paulo Dias & Filhos, L.da* — Torneiro Mecânico-B — 5.º, António Manuel Gonçalves da Rocha.

★ **Subscrição para as vítimas de S. Jorge**

Ascende a cerca de 50 000$00 o montante da subscrição promovida pela Delegação Distrital da M. P. de Aveiro, continuando ainda a ser recebidos vários donativos angariados nos vários estabelecimentos de ensino.

O produto da subscrição será investido na construção duma casa destinada a uma família pobre.

★ **Campeonatos Regionais de Aveiro**

Estes campeonatos iniciaram-se na penúltima semana, com a participação dos Centros do Liceu e das Escolas Técnicas de Aveiro e Ovar nas modalidades de andebol de sete e basquetebol.

Nova exposição da Livraria Borges

Hoje, pelas 17 horas, inaugura-se na Galeria de Arte da Livraria Borges, a exposição «Sete Artistas do Porto» que sucede a «Nove Artistas de Aveiro», terminada ontem.

Na exposição, patente ao público até 29 do corrente, estão presentes os artistas Abílio, António Leite, Ezequiel Augusto, Guima, Varik Tavares, João Barata Feio e Vilela.

Pela Capitania

Movimento Marítimo

Em 7, provenientes de Lisboa, demandaram a barra os navios portugueses *Guadiana* e *Poole da Costa*.

Em 8, vindo de Santander, entrou a barra o navio espanhol *Tormes* e saiu, para a Figueira da Foz, o rebocador português *Guadiana*.

Em 9, saiu com destino a Lisboa, o arrastão português *Santa Mafalda*.

Em 10, provenientes da Figueira da Foz, entrou a barra os navios portugueses *Guadiana* e *I-D* e vindo do Porto, o navio português *Caramulo*.

Em 11, vindos de Safi e Faro, respectivamente, demandaram a barra os navios portugueses *São Silvares* e *Flor de Faro*.

Pontes-cais para o Porto Bacalhoeiro e para S. Jacinto

Em Lisboa, na Junta Central de Portos, realizaram-se, na segunda-feira, os concursos relativos às projectadas construções de duas pontes-cais: uma, no porto bacalhoeiro, destinada ao transporte de mercadorias; e outra, em S. Jacinto, para atracação de lanchas de passageiros.

No primeiro concurso, foram admitidas três propostas, com uma variante, a mais baixa de 1 094 341$10 e a mais elevada de 1 388 570$00; e, no segundo, duas — uma de 207 706$90 e outra de 229 800$00.

Electrificação da Rede Ferroviária

Iniciaram-se na estação desta cidade, com grande incremento, os trabalhos preparatórios para a instalação da rede eléctrica, que se espera atinja Aveiro dentro de pouco tempo.

Numerosas brigadas de operários contratados pela C. P. ocupam-se agora da ripagem de algumas linhas e da fixação de outras, para se dar depois início à instalação aérea do cabo eléctrico.

Conservatório Regional de Aveiro

Realiza-se na próxima quinta-feira, dia 21, a segunda audição escolar do corrente ano lectivo dos alunos do Conservatório Regional de Aveiro.

Apresentar-se-ão as classes de Iniciação Musical e Canto Coral, Piano, Violino, Violoncelo, Canto e Música de Câmara.

O espectáculo realiza-se no Teatro Aveirense, às 18.15 horas.

Festa de despedida das Finalistas da Escola do Magistério

A já tradicional festa de despedida das alunas do segundo ano da Escola do Magistério Primário Particular de Aveiro está marcada para o dia 29 do corrente mês.

Oportunamente daremos a conhecer o respectivo programa.

Movimento da Lota

No mês de Abril findo, a venda de peixe na Lota de Aveiro apresentou um apuro de 1 717 578$00: as traineiras recolheram pescado no valor de 870 376$00; os arrastões do alto, por seu turno, efectuaram vendas no valor de 847 202$00; e o peixe da Ria rendeu 50 431$00.

A traineira mais em evidência foi a «Rui Jorge», que descarregou pescaria no valor de 103 003$00; em segundo lugar, ficou a «Maria Adrego», com 976 cabazes, que renderam 841 119$00; e, em terceiro lugar, situou-se a «Brasília», com 10 009 cabazes, no valor de 78 471$00. Quanto aos arrastões, temos que o «Beirão» pescou peixe transaccionado por 207 876$00; o «Ria de Aveiro» apurou 175 835$00; e o «Atrevido» 156 303$00.

Baile na «Banda Amizade»

Amanhã, com início às 16 horas, realiza-se uma «matiné» dançante no salão de festas da Banda Amizade, com a colaboração do apreciado Conjunto Ibéria.

Menor atropelado

Na segunda-feira, na estrada para Cacia, junto das instalações da Junta Autónoma das Estradas, o automóvel ligeiro HI-95-24, conduzido pelo seu proprietário, sr. Celso de Figueiredo, residente em Sever do Vouga, colheu o menor de 7 anos José Fernandes Tavares de Almeida, filho do sr. Fernando Tavares de Almeida, residentes na «Quinta do Simão», em Esgueira.

Conduzido ao Hospital de Santa Joana, o José Fernandes foi observado e tratado, tendo de ficar internado por ter fracturado a perna esquerda e apresentar outros ferimentos de menor gravidade.

A P. V. T. tomou conta da ocorrência.

XXVI Concurso Pecuário

Com enorme afluência de bons exemplares, que lhe conferem o título do melhor do País no concernente a gado leiteiro, realizou-se no domingo o XXVI Concurso-Exposição Pecuária, *promovido pela Câmara Municipal de Aveiro com a colaboração técnica da Intendência de Pecuária do Distrito.*

O importante certame, realizado no Largo da Feira, ao Cabouco, concitou o interesse de muitos visitantes — designadamente de numeroso grupo de estudantes da Escola Agrícola de Santarém, que estiveram em Aveiro acompanhados pelo seu professor sr. Dr. Francisco Duarte Caldas.

Por absoluta falta de espaço só no próximo número nos será possível dar a classificação deste importante concurso.

Parada Escolar em Aveiro

Por iniciativa do Governo Civil de Aveiro e com o apoio incondicional e entusiasta da Direcção do Distrito Escolar e a aceitação plena da totalidade dos agentes de ensino, poderemos assitir, no dia 7 de Junho próximo, a uma autêntica parada escolar das nossas crianças, numa das alamedas do atraente parque da cidade.

De todos os concelhos virão embaixadas de alegria feliz e comunicativa das crianças, manifestada através de números sempre belos de folclore regional, exercícios de ginástica, recitativos e pequenas peças, uma demonstração dos seus desabrochantes dotes artísticos e da actividade circum-escolar dos seus professores.

Porque, nos tempos modernos, a educação da criança não poderá ser vivida apenas por pais, professores e párocos mas por todas as células válidas integradas no tecido da Nação, é de esperar que aos alunos das escolas do distrito não faltem nesse dia o apoio e o entusiasmo de inúmeros assistentes, em retribuição, através de uma manifestação de simpatia, pelo que a sua tenra idade e a sua intuição ainda em formaçao nos vêm dar.

O programa pormenorizado será oportunamente tornado público.

Em Viana do Castelo é hoje lançado à água o arrastão *Maria Teixeira Vilarinho*

Com a presença do sr. Ministro da Marinha, realiza-se hoje à tarde, nos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, o «bota abaixo» de um moderno arrastão para a pesca do bacalhau ali mandado construir pela firma armadora aveirense José Maria Vilarinho, L.da.

A nova unidade da nossa frota pesqueira vai receber o nome de «Maria Teixeira Vilarinho».

cartões de visita

FAZEM ANOS:

Hoje, 16 — As sr.as D. Maria de Lourdes Carvalho Vilaça, Prof.a D. Rosa Andrade Campos e D. Lucília Alves Pinto de Sousa, esposa do sr. Manuel da Cruz e Sousa; os srs. Capitão Henrique Augusto Tomé e José Resende Génio Barata Freire de Lima; e as meninos Anabela, filha do sr. Fausto Castilho, e Maria Isabel Ferreira de Carvalho, filha do 1.º Sargento sr. Manuel António de Carvalho.

Amanhã, 17 — A sr.a D. Maria José Ferreira de Abreu, esposa do sr. Dr. Manuel Simões Julião; e os srs. Ernesto Simões Maio e João Augusto da Silva Vasconcelos.

Em 18 — A sr.a D. Maria Graciete da Naia Vinagre, esposa do sr. Augusto da Silva Gomes; os srs. Belmiro Conceição Fartura, Raul Pericão Seixas, Darlindo Tavares e prof. Remígio Sacramento Júnior; as meninas Maria dos Anjos, filha do sr. Arlindo Gouveia da Cunha, e Beatriz Amélia, filha do nosso colaborador Amadeu Teixeira de Sousa; e o menino João Carlos Gamelas Zagalo, filho do sr. Eng.º José Pereira Zagalo.

Em 19 — O sr. Ricardo das Neves Limas; a menina Maria Margarida Salvador Quininha, filha do sr. Dr. Cândido Quininha; e o menino António Carlos de Moura dos Santos Baptista, filho do sr. António dos Santos Baptista Coelho.

Em 20 — A sr.a D. Maria Júlia Sousa Lopes; os srs. Dr. José Amador, Tenente Antero Alves da Cunha, Joaquim Duarte Silva Pereira Peixinho e Albano Araújo Nunes Génio; as meninas Maria Isabel Raposeiro Santos, filha do sr. José Henriques dos Santos, e Maria Teresa Pereira da Silva, filha do sr. Sansão da Silva; e o menino Emanuel Vinagre da Naia Sardo, filho do sr. João Sardo.

Em 21 — As sr.as D. Maria da Conceição dos Reis Ferreira, esposa do sr. Artur José Ferreira, D. Soledade Gamelas, esposa do 2.º Sargento-Enfermeiro sr. Firmino Gonçalves, e D. Ascenção da Silva Pereira Justiça, esposa do sr. Alberto da Silva Justiça; os srs. Fernão Borges de Carvalho e Aurélio Humberto Alves de Morais Calado; e as meninas Cândida do Rosário da Rocha Baptista Marques, filha do sr. Dr. Fernando Marques, e Marília da Conceição de Jesus Reis, filha do sr. Marciano Pinto dos Reis Júnior.

Em 22 — A sr.a D. Maria do Carmo de Pinho Mieiro, esposa do sr. Ricardo Mieiro; o sr. José de Melo de Vilhena; e a menina Marília Duarte Nunes de Oliveira, filha do Sub-tenente da Armada sr. Maurício Andrade Nunes de Oliveira.

Comarca de Lisboa

4.ª Vara Cível

AVISO

1.ª Publicação

Nesta 4.ª vara cível — 1.ª secção — está pendente uma acção, com processo especial (reforma de títulos), movida por Pascoal & Filhos, L.da, sociedade por quotas, com sede em Aveiro, na Rua Almirante Cândido dos Reis, n.os 135 a 153, contra a Sociedade Nacional dos Armadores de Bacalhau, S. A. R. L., com sede em Lisboa, na Rua do Ferragiol de Baixo, n.º 33, primeiro andar, em que a Autora alega terem-se extraviado doze títulos de que era dona e legítima possuidora, representativos de cento e oitenta e sete acções, do valor nominal de mil escudos cada uma, emitidos pela Sociedade Ré, nominativos, averbados à mesma Autora, e cuja discriminação é como segue:

2 de 1 acção — n.os 206-G e 207-G (2)
7 de 5 acções — n.os 856 G a 890-G (35)
3 de 50 acções — n.os 18351 G a 18500-G (150)

E, assim, de harmonia com o preceituado na alínea a) do art.º 1.072.º do Código de Processo Civil, se convida, pelo presente aviso, qualquer pessoa que esteja de posse deles a vir apresentá-los até ao dia designado para a conferência dos interessados, a qual terá lugar em 15 de Junho próximo, pelas 14.30 horas, neste tribunal, instalado na Praça do Príncipe Real, 35.

Lisboa, 1 de Maio de 1964.

O Escrivão,

Timóteo dos Santos Caramelo

Verifiquei:

O Corregedor Presidente.

Anibal Aquilino Fritz Tiedemann Ribeiro

Litoral ★ N.º 497 ★ Aveiro, 16-5-64

Agradecimento

Isidro Vieira Lopes

A família de Isidro Vieira Lopes, receando que, por falta ou deficiência de endereços, não tenha agradecido a todas as pessoas que a acompanharam na sua dor e se incorporaram no funeral do seu saudoso parente, vem fazê-lo por este meio, a todos testemunhando o seu indelével agradecimento.

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

2.ª Publicação

FAZ-SE SABER que pela Segunda Secção de Processos do Primeiro Juízo desta comarca, correm éditos de trinta dias, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando o executado FERNANDO RIBEIRO DA SILVA, casado, ausente em parte incerta do Brasil, que teve a sua última residência conhecida no País no lugar do Cruzeiro, freguesia de Pessegueiro do Vouga, da comarca de Albergaria-a-Velha, para no prazo de dez dias, findos os éditos, pagar ao exequente Padre Ângelo Ruela Cirne, Oficial Capelão das Forças Aéreas Portuguesas a residir na Vila Cabral, Moçambique, a quantia de cento e cinquenta mil escudos, juros desde 10 de Novembro de 1961 e mais despesas legais com excepção de nove mil escudos que entregou por conta, ou, dentro do mesmo prazo, nomear bens à penhora suficientes para esse pagamento, sob pena de não o fazendo se devolver esse direito ao exequente, tudo conforme melhor consta do duplicado da petição inicial da execução ordinária que se encontra arquivado nesta Secretaria.

Aveiro, 28 de Abril de 1964.

O Juiz de Direito,

Silvino Alberto Villa Nova

O Escrivão de Direito,

Alcides Viriato Sequeira

Litoral ★ N.º 497 ★ Aveiro, 16-5-64

Cartaz dos Espectáculos

Teatro Aveirense

Sábado, 16 — às 21.30 horas

Um filme de aventuras, em *Technicolor* e *Wondrascope*, com Guy Williams, Heidi Bruhl, Pedro Armendariz e Abraham Sofaer — **Capitão Sindbad.** Para maiores de 12 anos.

Domingo, 17 — às 16 e às 21.30 horas

Alberto Ribeiro, Mimi Garpar, Camilo de Oliveira, Deolinda Rodrigues, Irene Cruz, Emílio Correia, Rudolfo Neves, Fernando Frias, Natalina José, Barroso Lopes, Fernando Oliveira, Lucinda Amaral, Octávio Matos (Filho) e Maria Cristina na opereta de grande sucesso — **Nazaré.** Para maiores de 12 anos.

Terça-feira, 19 — às 21.30 horas

O primeiro «western» italiano, produzido por Dino de Laurentis e Mario Cecchi Gori, realizado por Mario Camerini e interpretado por Ernest Borgnine, Vittorio Gassman Katy Jurado, Rossana Schiaffino, Philippe Leroy, Micheline Presle e Bernard Blier — **Carbone e os seus Bandidos.** Para maiores de 17 anos.

Cine-Teatro Avenida

Sábado, 16 — às 21.30 horas

Programa duplo, com Abel Salazar, Gloria Marin e Manuel Monroy no filme — **A Justiça Mascarada**; e uma película em *Technicolor*, com Jerry Lewis, Dean Martin, Janet Leigh, Sheree North e Edward Arnold — **O Rapaz Atómico.** Para maiores de 12 anos.

Domingo, 17 — às 15.30 e às 21.30 horas

Uma espectacular produção, com Seam Flynn, Folco Lulli, Gaby Andrey e Walter Barnes — **Duelo no Rio Grande.** Para maiores de 12 anos.

Quinta-feira, 21 — às 21.30 horas

Um excelente filme com Burt Lancaster, Karl Malden, Thelma Ritter, Nerville Brand e Edmond O'Brien — **O Homem de Alcatraz.** Para maiores de 17 anos.

Teatro-Cine Triunfo

Gafanha da Cale da Vila

Sábado, 16 — às 21.30 horas

Um maravilhoso filme passado no oeste americano, em *Cinemascope* — **A Justiça de Jesse James.** Para maiores de 17 anos.

Domingo, 17 — às 15 e às 21.30 horas

Dois Grandiosos Bailes — abrilhantados por dois grandes Conjuntos — «Irmãos Tavares» e «Cinco Estrelas». Para maiores de 15 anos.

A Situação Social e Religiosa de Aveiro antes da Restauração da Diocese

Continuação da última página

Claro a via do Prelado é uma específica Via Crucis. Bem a sofreu, de modo bem explícito, o coração generoso e a inteligência lúcida e a disciplina firme do seu imediato sucessor. Na leira que o seu sacrifício adubou afloram as primícias da colheita.

O Bispo é isso mesmo: mensageiro e semeador. O que chama à convivência, à única convivência que, de modo pessoal e colectivo, acerta o caminho, contem a verdade e alteia a vida.

Veio o pastor para nós, para nosso benefício. E tanto damos conta e tanto recolhemos já o benefício da sua episcopalidade que o que estamos hoje aqui reunidos a dizer, a dizer-lhe a Ele que é sempre o mesmo no cordel dos seus antecessores, são os nossos agradecimentos pela restauração familiar.

(Tenho o indefinível sentimento de que, pela mão segura e sábia da minha mãe, volto ao templo da minha meninice, à minha pia baptismal, ao meu altar das Almas na Igreja Paroquial onde me iniciei no altíssimo mister de ajudar à Missa... ...Mas agora, a mão firme e sabedora é a diocese! Isso mesmo: a diocese é o báculo pessoal da Mater-Eclesia.)

Nenhum dos valores da inteligência sofreu desvio, nenhum dos nobres anseios sociais sofreu paragem. Bem ao contrário.

O Bispo está aí para vivificar, em permanente vigilância e constante docência.

A cada qual, porém, o esforço pessoal porque o Prelado não se nos substitue.

E não é com orgulhos intelectuais, farisaísmos de compostura — longe, muito longe vá o agouro — que havemos de fingir estar com o pastor.

Será, mediante a vida sacramental, pondo em obra o mandamento novo que nos foi dado e sempre, em Aveiro, nos é recordado na pedra de armas do seminário maior.

Por sobre as águas, nesta diocese marinha, pela qual vela, em sua brancura dominicana, a princesa real, e consoante a empresa heráldica que para si próprio escolheu o nosso bispo, reflutua o Espírito de Deus.

Eis a restauração Diocesana.

*

Entretanto, entretanto, por amor dos muitos que ainda se obstinam em alhear-se e de tantos que em si próprios preparam negações e de uns quantos se aliam intelectualmente a potenciais perseguições, daqui mesmo, neste mesmo momento, o mesmo Pontífice pode perguntar-nos, a nós, a cada um de nós: Porquê? Porquê?

Nesta hora conciliar, ecuménica a mais não poder ser, é urgente a nossa inserção pessoal na resposta, para que a palavra do Pontífice deixe de ser triste e dolorosa. Na Palestina ou aqui mesmo.

Resposta que será: inteligência crítica, acção humana total, coerência, e, sobretudo, oração, catolicidade em resumo. Catolicidade que é alegria de alma, consciência da Filiação transcendente. Catolicidade que é a inserção plena na nossa hora, em seus anseios humanos e suas gloriosas conquistas do saber.

Catolicidade que é a plenitude do Homem, na razão lúcida e na fé esclarecedora, no seu existir em dignidade e no seu destino sobrenatural em Esperança.

Tal a oferenda, senhor Bispo, que parece bem ir afeiçoando para oferecer a V. Ex.ª Reverendíssima... na próxima festa de anos.

«Gratia Plena, Dominus Tecum».

Fernando Magano

IDA SEM VOLTA

Continuação da página dois

— Para que corre você? O tempo não existe...

O combóio arrancou.

Deitou fora o cigarro. Transpirava. Passou uma das mãos pela testa e murmorou:

— Ponho-me para aqui a falar sòzinho. Devo estar cansado...

Sim, devia ser isso. Levava uma vida arrazante, principalmente depois do sócio ter adoecido, há cerca de três meses. Se não melhorasse, ao regressar teria de trespassar algumas das suas responsabilidades a Baltasar, guarda-livros de confiança, ao serviço da firma há uma boa dúzia de anos.

Ouvira dizer ou lera algures que se é avisado quando a morte se aproxima; às vezes claramente, outras por pequenos indícios que nem sempre são captados pelos interessados. Como é que ele seria avisado? Por aquela estranha voz? Por uma tabuleta como a que lhe havia chamado a atenção? Por...

— Ráio! Que estupidez. Para que estou a pensar nisto?

O combóio entrava pela noite dentro.

Aquela caranguejola não andava nada. Puxou o maço de cigarros e soltou uma imprecação — estava vazio. Onde iria arranjar tabaco?

A marcha começou a diminuir. Mais uma estação. Talvez pudesse comprar cigarros. Era Aveiro.

Quando o combóio parou, ouviu o seu nome pronunciado em gritos altos:

— Senhor Artur Dias! Senhor Artur Dias! Senhor Artur Dias!!!

Sentiu um arrepiu esquisito. Após um momento de assombro, deitou a cabeça de fora da janela e respondeu em voz alta.

Aproximou-se um rapaz de quinze ou dezasseis anos, brandindo um papel branco. Seria?...

— E' o senhor Artur Dias, da firma Ferreira, Dias & Companhia, Limitada?

— Eu mesmo. Que queres?

— Mandaram entregar-lhe esta carta.

O rosto do homem estava da cor da cera. Quem poderia ter mandado aquela carta? Estendeu o braço, bruscamente, sem dizer mais nada e abriu o envelope.

Leu duas — quanto muito três — palavras e caiu desamparadamente. Quando se acercaram para o socorrerem verificaram que estava morto.

Retiraram-lhe a carta amarfanhada da mão e alguém leu:

«Aviso-o da morte do seu sócio.

Baltasar».

Mal previra o guarda-livros de Artur Dias, quando solicitara telefònicamente à Casa Carrasqueira, cliente da firma em Aveiro, para mandarem uma pessoa interceptar o combóio, na estação, de que a sua comunicação iria exercer efeito mortal sobre o espírito alterado do patrão.

Fernando Saldanha

CÂMARA MUNICIPAL DE ÍLHAVO

AVISO

Construção do Mercado Municipal de Ílhavo

Faço público que, de harmonia com as disposições legais, se acha aberto o concurso público para a construção do novo Mercado Municipal nos termos e condições previstas no programa de concurso e caderno de encargos respectivos que poderão ser consultados nos SERVIÇOS TÉCNICOS desta Câmara e na DIRECÇÃO DE URBANIZAÇÃO DE AVEIRO, em todos os dias úteis durante as horas de expediente.

Base de licitação . . . . . . 3 363 788$00
Depósito provisório . . . . . . 64 168$20

As propostas, endereçadas ao Presidente da Câmara, pelo correio e sob registo, recebidas até às 15 horas do dia 18 de Junho serão abertas em sessão da Câmara perante esta e a Comissão designada para o efeito pelas 15 horas e 30 minutos desse mesmo dia.

Ílhavo e Paços do Concelho, aos 8 de Maio de 1964

O Presidente da Câmara,

Dr. José Cândida Vaz

Biografia de Cecil Day Lewis

Continuação da segunda página

rista, atravessando uma aldeia com uma velocidade louca, não parou depois do acidente; a polícia não consegue descobrir o carro nem quem o ia a guiar. E o pai resolve fazer justiça por suas mãos. Se a polícia não descobre o homem que lhe assassinou o filho ele há-de descobri-lo; e irá mais longe: ele próprio o matará. «Vou matar um homem. Não lhe sei o nome, não sei onde vive, não faço ideia do aspecto que ele tem. Mas vou descobri-lo e matá-lo...» Lane encontra o homem; sem se trair, planeia o perfeito crime acidental; tudo está preparado. E nessa altura o romance tem um dos desfechos mais inesperados da literatura detectivesca.

Blake, num artigo publicado em 1949, em Future, *comenta e esclarece muitos pontos curiosos para os estudiosos do género, ilustrando-os como exemplos tirados da sua própria obra e da de colegas, e provando mais uma vez que o espírito crítico e lógico se pode aliar perfeitamente ao sentido poético e humano, como nesse outro grande poeta que também escrevia histórias e se chamava Edgar Allan Poe».*

(*De* Vampiro Magazine)

Alugam-se

Na rua de Ílhavo, junto ao depósito de águas de abastecimento da cidade, 2 andares com 6 divisões e garagem, o que há de moderno, higiénico e saudável.

Quem pretender, dirija-se ao lado, ao n.º 54, Manuel Vieira Rangel.

Irmãos Maias, L.da

SEDE EM AVEIRO

Por escritura desta data, lavrada nas notas do notário desta vila Dr. Luciano Correia, entre os Srs. Manuel Nunes Maia e Augusto Nunes Maia foi constituída uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, nos termos dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação de Irmãos Maias, L.da, tem a sua sede em Aveiro e estabelecimento na Rua Cândido dos Reis, 97-99, e a sua duração é por tempo indeterminado, a partir de hoje.

2.º

O objecto social é o comércio de bicicletas e acessórios ou qualquer outro que os sócios resolvam explorar, com excepção do bancário.

3.º

O capital social é de 20 000$00, já integralmente realizado em dinheiro, sendo de 10 000$00 a quota de cada sócio.

4.º

A gerência ou administração da sociedade fica afecta a ambos os sócios, mas só com a assinatura do sócio Manuel Nunes Maia a sociedade poderá ficar obrigada em todos os seus actos e contratos.

5.º

Poderá qualquer dos sócios fazer à sociedade os suprimentos de que ela carecer, devendo as condições em que forem feitos ser objecto de deliberação social.

6.º

A sociedade não se dissolve por vontade, interdição ou saída nem pelo falecimento de qualquer sócio.

7.º

O sócio que quiser ceder a sua quota terá de a oferecer em carta registada à sociedade e aos outros sócios, que terão o direito de a adquirir, no caso de a sociedade a não pretender, pelo valor do último balanço geral apurado, acrescido da parte correspondente no fundo de reserva legal.

§ 1.º — Se mais de um sócio a pretender, será ela dividida pelos que a desejarem.

§ 2.º — A cessão de quota, ou parte de quota, a estranhos só poderá ser feita mediante consentimento, por escrito, dos outros sócios.

8.º

É permitido à sociedade amortizar ou adquirir qualquer quota nos seguintes casos:

a) Quando a quota seja penhorada, arrestada ou de qualquer forma sujeita a arrematação judicial;

b) Quando um sócio não cumpra zelosamente o cargo que lhe foi confiado, que falte aos deveres sociais ou qualquer outro assunto em que a sociedade se possa considerar prejudicada.

§ 1.º — O preço da quota será amortizado pelo que lhe for atribuido em virtude do balanço geral a que então se procederá.

§ 2.º — A amortização considerar-se-á feita desde que o proprietário da quota dê a respectiva quitação em documento legal ou, na falta deste, pelo depósito que se faça da respectiva importância na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, à ordem de quem de direito.

9.º

As remunerações serão efectuadas conforme a gerência deliberar.

10.º

Falecendo ou ficando interdito qualquer sócio, os respectivos herdeiros ou representantes legais, se a sociedade estiver de acordo, poderão ficar nela com os mesmos direitos e obrigações do falecido ou incapaz, sendo os herdeiros representados só por um, à sua escolha.

11.º

As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência, pelo menos, salvo os casos para os quais a Lei prescreva formalidades especiais.

12.º

Os balanços efectuar-se-ão em 31 de Dezembro e os lucros apurados, depois de deduzida a percentagem de 5 por cento para fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios proporcionalmente às suas quotas.

13.º

Dissolvendo-se a sociedade por acordo em Assembleia Geral, escolher-se-ão os sócios liquidatários.

14.º

Em tudo o mais regularão as disposições de direito aplicáveis e as deliberações tomadas e aprovadas em reunião dos sócios.

Anadia, Cartório Notarial, 11 de Março de 1958.

O Notário,

Luciano Correia

DESPORTOS

PROGNÓSTICO DO CONCURSO N.º 36 DO TOTOBOLA ★

24 de Maio de 1964

N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Leça — Feirense	1		
2	Espinho — Leixões			2
3	Vianense — Famalicão	1		
4	Oliveiren. — Beira-Mar			2
5	Sanjoanense — Peniche			2
6	Sacavenense — Oriental		x	
7	Lusitano V. R. - C. Pied.	1		
8	Luso — Barreirense			2
9	Olhanense — Portimon.	1		
10	U. Tomar — C. Branco	1		
11	Vilafran. — Sintrense	1		
12	Paio Pires — Amora			2
13	Juvent. — Faro e Benf.		x	

Não se publica hoje a habitual secção desportiva deste semanário, ficando para o próximo número do LITORAL as notícias referentes a diversas provas oficiais em curso, com a presença de atletas ou clubes da nossa região.

Totobolando

PROGNÓSTICO DO CONCURSO EXTRAORDINÁRIO DO TOTOBOLA

•

Campeonato do Mundo de Hóquei em Patins

•

De 23 a 31 de Maio de 1964

N.º	PAÍSES	1	X	2
1	Itália — Argentina	1		
2	Portugal — Suiça	1		
3	Inglaterra — Holanda			2
4	Portugal — Itália	1		
5	Espanha — Itália	1		
6	Inglaterra — Alemanha			2
7	Argentina — Uruguai		x	
7	Holanda — Suiça	1		
9	Argentina — Alemanha			2
10	Japão — Alemanha			2
11	Uruguai — Japão	1		
12	Holanda — Alemanha		x	
13	Espanha — Portugal			2

A Situação Social e Religiosa de Aveiro antes da Restauração da Diocese

Continuação da primeira página

certo mundo que está de fora e não é benevolente e, angustiado, mas paternal, reza assim: *«Mesmo aos perseguidores do catolicismo e aos negadores de Deus e de Cristo, enviamos a nossa lembrança triste e dolorosa, perguntando-lhes serenamente: Porquê? Porquê?»*

Como se fora dita no tal momento em que os espectadores jogavam os dados sobre a túnica, a pergunta faz estremecer.

Porquê a negação, porquê a perseguição?

Antes de mais, se é lícita uma tímida glosa, no recôndito de cada um de nós os que não somos hostis, e antes de nos inaugurarmos em juízes, volvamos a interrogativa para o nosso peito... não vá o galo cantar!

De um ponto de vista colectivo o conteúdo da «pergunta serena» sublinha com dor o vazio da negação e a injustiça das perseguições.

Pois, apesar de tudo, e talvez por isso mesmo, a cordialidade para com cada homem não diminue, antes se estimula, como quem deseja acender no pavio apagado do seu irmão a brasa viva que por todos se cruxificou.

Não é que o ímpeto persecutório seja um facto novo na história da ondulação humana e não é que a teima negativista não esteja a acentuar, uma vez mais, a veracidade do «sinal da contradição».

Neste passo histórico, porém, vincadíssima a teima. E como cada geração vive e mergulha na sua hora, é a turvação circundante que nos convida a interrogarmo-nos sobre o sentido da corrente desordenada que nos rodeia.

Com efeito a rejeição toma argumentos de ardilosa sagacidade percuciante, arma-se de agressividades e métodos de acção nunca suspeitados e vale-se de si própria para destruições de ímpetos ciclónicos.

Anula a Esperança. Desnuda o homem expõe-no sem contemplações à intempérie; numera-o como uma coisa para o eliminar.

Algo, uma vez mais, baralhou a inteligência e emparedou o amoroso anseio de espiritualidade que tonifica as almas.

Se, mesmo sem analíticos inquéritos culturais, tentarmos decifrar o dado inicial da obstinação contemporânea no panorama mental dos intelectuais responsáveis, talvez se dê conta que ele arranca da seguinte simpleza apriorística: o esquecimento, propositado, do facto histórico, objectivo, que é a passagem de Jesus, num certo tempo e em determinado local.

Este alienamento intencional é, seguramente, o centro de muitos errores, a fonte das distorsões.

Sem aquela Pessoa erra-se o caminho, não se alcança a verdade, entristece-se a vida.

O homem no seu trânsito, entretem-se tão sòmente. E no seu entretenimento, verificando que perdeu o rumo, pode desesperar-se.

Mas, mesmo sem outra instrução que não seja o simples conferir, quem jamais enunciou e ofereceu regras de mais límpido conteúdo e foi exemplo vivo mais acabado?

Onde coração mais compreensivo e, quem, trespassando o homem por inteiro melhor entendeu as nossas fraquezas e lhes proporcionou lenitivo mais conforme?

E, quando a crítica tranquila se interroga acerca das instituições programáticas que regem as pessoas, que outra senão a Eclesia-Assembleia, pela sua origem, e pela Presença que a protege, mau grado as inevitáveis defecções da ossatura humana, é escala de ascenção, depositária da Palavra, só ele capaz de transfigurar a murcha banalidade que seria a vida sem o seu ensino e Graças sacramentais?

A negação é solidão. No vazio de si próprio, o homem não entende o Sermão da Montanha. As capciosidades intelectuais a que se entrega oferecem-lhe apenas o eco de tibiezas e frutificam em egoísmos.

Então a vida é monótona. Não há convivência. Morreu o heroísmo.

Transviado, o pródigo tresmalha-se. E cresce a hora, novamente, de recolocar no centro da vida humana a Pessoa de Jesus.

Para que não haja desvio, pela regra de quem especificamente recebeu o encargo: ensinado e dado, o Senhor, Cristo Vivo, na plenitude da Sua história, na certeza da Sua autoridade e na alegria da Sua Permanência.

E a Igreja, como é da sua especifica missão, de acudir. Consoante os locais, consoante as necessidades. A experiência já lhe ensinou o suficiente para eleger o que e quando convém.

*

De vez em quando, poisa o Criador o Seu olhar onde o rebanho anda um pouc disperso — n'Ele não há tempo nem local, mas a nós nos parece que sim — e manda um novo mensageiro para que, em seu nome, reconduza e governe.

Há vinte e cinco anos, foi ontem, é agora mesmo, veio para Aveiro o pastor e retomou o fio da então débil docência.

Por virtude de circunstâncias ambienciais havia dificuldades sérias no ministério catequístico. Sofria-se de secura.

Nas escolas, onde a juventude se afeiçoa... nem pensar nisso. Já um dia o disse: viemos por aí acima, os escolares dos diversos graus, entregues a um céptico cientifismo, sem o bafo de uma nota de espiritualidade. Não confundamos a beleza e a riqueza da ciência com a imperfeição filosófica do cientismo auto-suficiente. Nas escolas, Deus era uma superstição. Se é que não havia já sido publicado o decreto da sua morte.

E na cidadania, sob a aparência de respeitosa atitude, uma animadversão eficiente e uma espécie de sobranceria crítica.

O menos que hoje podemos definir será que, independentemente da posição íntima de cada respeitável mentor, sobrenadava no ambiente e na disciplina e nos textos uma regra de indiferença.

O laicismo andava no ar. Laicismo de conteúdo ateísante, com suas consequências lógicas e práticas, inevitáveis, e de cujos frutos dialectico-materialistas anda cheio o mundo. Vinha lá muito de trás e lá muito de fora.

Tomara conta das instituições caseiras, convencera a ingenuidade.

Quantos homens bons seguiam o curso da sua astuciosa argumentação! E quantas violências em seu nome, em si próprias demonstrando uma fraternidade sem filiação.

Ao fim e ao cabo, de um ponto de vista espiritual, a sobranceria esbracejava na rarefacção, sem apoio e sem raízes.

Pois como se não havia de padecer de secura, se no cotidiano e para as realizações concretas se havia anteposto, para argumentações intencionais, a interinidade de possíveis acidentes secundários, à intemporalidade dos intemporais mandamentos?

Os senadores intelectuais de semelhante feira de desvarios — cá em casa e por esse mundo fora — creio bem que no último minuto terão medido os efeitos do seu orgulho.

(A lágrima, a única lágrima que aflorou na face de Montalembert — como me acode, a deslado, sem que a escolha ou busque, esta memória cruciante! — uma só e pequenina, depois da derradeira imprecação, quando a vida revertia de vez para a sua origem, essa lágrima... terá sido a porta aberta para a Misericórdia do Pai).

Entretanto, por aí, no redemoinho das multidões desatentas, alguns sacerdotes, desamparados, incompreendidos e em doloroso monólogo, aguentavam, sòzinhos, o desinteresse e, rezando sempre, iam azeitando todos os dias, a lamparina do Sacrário.

Esse heroísmo, curtido em silêncio e aprovado em hostilidades, sumiu-se com cada um. Não tem redacção nesta agenda terrena.

(Entre parêntese me seja permitido recordar uma graciosa nota citadina: o senhor prior Pedro, o senhor prior de S. Gonçalo, cantando alto por essas ruas na procissão do Domingo de Páscoa. Com voz de acentos paulinianos, empunhava a Custódia Eucarística que erguia alto e propositadamente, como se a mostrara à incredulidade, cantando forte sem descanso: Ressurexit, Ressurexit. Aleluia!!)

... Apesar de tudo, o brasido não estava extinto. As orações persistiam nos lares. E as mães continuavam a erguer os olhos experimentados para os seus Santos tutelares e havia sempre nos templos umas quantas almas desfiando aos cantos as contas do rosário. As mães possuem uma ciência infusa que esclarece os intelectualismos vãos. Não que nelas o sofrimento é lei.

Cá fora, um burgo simpático e saudoso, assistia de quando em quando aos préstitos religiosos do calendário e narcisava-se num cortês regionalismo de exterior.

A própria intemporalidade da mensagem cristã não vive incorpórea, como não viveu impessoal desde a Anunciação.

Chegou o enviado, aquele e não outro, o tal que se requeria, saído do Colégio Apostólico. Todo o êxito da missão depende, em primeiríssimo lugar, deste fio de atadura. Reposição diocesana é, antes de mais, uma mais fácil, mais próxima, mais directa comunicação com a fonte primeira onde borbulha a «Água Viva».

E quem se não lembra do senhor arcebispo João, o primeiro pedinte da sua Igreja? E quem não escuta ainda os seus acentos de alegre conformidade na pobreza e de esperança nas dificuldades? Quem passou por aí que melhor cantasse, na dor ou na festividade, as alegrias da sua juventude sacerdotal?

A igreja aveirense foi a sua menina mais nova, a pupila querida dos seus olhos cansados e os seus diocesanos a radicação constante dos mais desvelados carinhos.

Água, sóis, ventos e marés, montes e plainos, as bateiras e o arado, tudo ternissimamente trouxe ao peito para dar Glória a Deus e servir os homens de boa vontade.

A cidade foi levantada a sede episcopal com todas as suas sociais prerrogativas. E, consequentemente, mais uma nobre casa de estudos aqui nasceu. Seminário é viveiro; alfobre de saber e de ser. Implantado na urbe como que a sacramenta e nela faz obra de irradiação cultural e missionária. Verdadeiramente, na colaboração das autoridades cívicas, na generosidade dos diocesanos, nos sacrifícios do clero, está aí um símbolo e uma fórmula de nobre compreensão.

E logo se começou a sentir, por todo o perímetro da ria, o reajustamento. A presença do mensageiro foi semente de esperança, início de vida no módulo único em que o homem pode ter paz: comunhão no Senhor.

Continua na página 6

As Festas da Diocese e de Santa Joana

Conclusão da primeira página

Na terça-feira, realizaram-se diversas cerimónias litúrgicas, em honra da excelsa Padroeira de Aveiro, Santa Joana Princesa.

De manhã, e após missa rezada na igreja de Jesus, o sr. D. Manuel de Almeida Trindade presidiu, naquele templo, ao «Canto de Tércia», a que se seguiu um cortejo litúrgico para a Sé, onde o sr. Bispo de Aveiro igualmente presidiu a um solene Pontifical, a que a assistiram as diversas autoridades civis e militares aveirenses.

De tarde, na Sé, houve um «Te Deum», em que pronunciou uma notável alocução o Rev.º Padre Dr. Domingos Maurício Gomes dos Santos.

Finalmente, e num percurso idêntico ao dos últimos anos, saiu a imponente procissão de Santa Joana, presidida pelo sr. Bispo de Aveiro. No préstito, incorporaram-se as já citadas entidades oficiais.

TÚMULO DE SANTA JOANA, no Coro Baixo da Igreja de Jesus — Foto de Manuel Pinheiro da Rocha